

# Em busca de esperança: um diálogo entre o cristianismo e o islamismo acerca da crise ecológica vigente

## Looking for hope: a dialogue between Christianity and Islam about the current ecological crisis

Donizete José Xavier<sup>1</sup>  
Claudio Antonio Delfino<sup>2</sup>

### Resumo

Bondade, beleza e harmonia são alguns dos traços presentes no universo, especialmente nas narrativas religiosas criacionistas. Por um amor livre e não por necessidade, Deus tomou a iniciativa de se revelar como criador. Mas, infelizmente, nos últimos dois séculos vê-se com tristeza o agravamento de uma crise ecológica, com raiz antropológica, que está deformando o universo e a própria pessoa humana. É de se admitir que toda religião além da sua dimensão misteriosa, encontra-se presente na história. Sendo assim, deve-se perguntar: a religião pode colaborar com algo, oferecendo esperança para esse enorme drama que passamos? Acolhendo os apelos da Terra que geme como que em dores de parto (Rm 8,22), pretende-se com esta investigação verificar quais seriam as contribuições do diálogo entre cristianismo e islamismo, tendo em vista dar esperança a todos os que sofrem com a casa comum. O método utilizado será o bibliográfico, de natureza exploratória e abordagem qualitativa. Este diálogo inter-religioso é um apelo que para que todos os que professam uma fé, os não crentes e todas as pessoas de boa vontade se empenhem nessa urgente missão.

### Palavras-chave

Ecologia. Religião. Cristianismo. Islamismo. Diálogo inter-religioso.

### Abstract

Goodness, beauty and harmony are some of the traits present in the universe, especially in creationist religious narratives. By a free love and not by necessity, God took the initiative to reveal himself as creator. However, unfortunately, in the last two centuries we have seen with sadness the worsening of an ecological crisis, with anthropological roots, which is deforming the universe and the own human person. It must be admitted that every religion, beyond its mysterious dimension, is present in history. In that case, one should ask: can religion collaborate with something, offering hope for this enormous drama we are going through? The aim of this research is to verify what would be the contributions of the dialogue between Christianity and Islam, welcoming the appeals of the Earth that groans in travail (Rm 8,22), with a view to giving hope to all who suffer from our common home. The method used will be the bibliographic method, of exploratory nature, and with a qualitative approach. This interreligious dialogue is an appeal that all who profess a faith, non-believers and all people of good will engage in this urgent mission.

---

<sup>1</sup> Doutor em Teologia pela Pontifícia Università Gregoriana (PUG). Mestre em Teologia pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. Bacharel em Teologia pelo Instituto Teológico São Paulo (ITESP). Professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: [djxavier@pucsp.br](mailto:djxavier@pucsp.br).

<sup>2</sup> Doutorando em Teologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em Filosofia pela Pontifícia Università Gregoriana (PUG). Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. Professor da Faculdade de Teologia e Filosofia Paulo VI. Contato: [claudiodelfino72@yahoo.com.br](mailto:claudiodelfino72@yahoo.com.br).

**Keywords**

Ecology. Religion. Christianity. Islam. Interreligious dialogue.

**INTRODUÇÃO**

Desde o princípio, Deus, por livre e amorosa vontade, quis criar todas as coisas (Gn 1,1-2,4). E não somente as criou, mas as criou boas (Gn 1,10.12.18.21.27) e quando da criação do homem à sua imagem e semelhança, considerou este dia “muito bom” (Gn. 1,27.31). Esse é o legado da tradição judaico-cristã. Ora, também o islã professa a sua fé num Deus (Allah) que cria e que espera a prática da piedade dos seres humanos. Assim se encontra: “Ó humanos! Adorai o vosso Senhor. Que vos criou e aos que foram antes de vós, na esperança de serdes piedosos” (Sura 1,21). Este é um primeiro indício da fertilidade deste diálogo inter-religioso em busca de esperança acerca da crise ecológica vigente. A bondade originária da criação ainda perdura, mesmo que gemendo como em dores de parto (Rm 8,22).

Mas não é difícil encontrar sinais na realidade hodierna que apontam para a instalação de uma crise ecológica sem precedentes. Mesmo que tal cenário seja descrito no decorrer da investigação, alguns elementos depõem nesta direção, tais como: o aumento do nível de poluição, a perda da boa qualidade do ar, as catástrofes ambientais recorrentes, a enorme quantidade de reservatórios de água potável degradados, a emissão de gases de efeito estufa, especialmente, nos grandes centros urbanos, o aumento da temperatura, dentre outros, são sintomas de uma doença nefasta que afeta a nossa casa comum.<sup>3</sup>

Diante da grave crise ecológica vigente, pretende-se com esta investigação verificar quais seriam as contribuições do diálogo entre cristianismo e islamismo, tendo em vista dar esperança a todos os que sofrem com a casa comum.

Afinal de contas, crê-se que as religiões muito podem colaborar nessa difícil empresa. O esforço de cada instituição e a crença de que a abertura para o diálogo com as demais é fator fundamental, a fim de se conseguir, ao menos, amenizar os dramas atuais. Além disso, não se pode esquecer que o habitat comum de todas elas é a história.

Não obstante isso, se faz necessário um recorte hermenêutico referente às duas religiões apenas citadas, visando adequar a pesquisa à natureza do artigo, especialmente quanto à sua extensão. Contudo, não significa que somente elas podem colaborar nessa árdua missão. Pelo contrário, religiosos ou não, todos somos convocados a assumir a responsabilidade ética e moral em busca de esperança diante do mal que nos afeta.

Ademais, o que se pode esperar de contribuição do cristianismo e o islamismo para a crise ecológica vigente? Religião e ecologia teriam alguma relação? Ciência e religião não se contradizem? Fé e razão podem convergir na missão de encontrar remédios contra as dores que afetam a todos? Tais interrogações e outras similares irão nortear a investigação empreendida. O

---

<sup>3</sup> A expressão “casa comum” é utilizada repetida vezes pelo papa Francisco, especialmente na encíclica *Laudato si'*, sobre o cuidado que se deve ter por ela. Trata-se da criação concebida como uma “casa” pertencentes a todos, independente de credo religioso, status social ou qualquer outra distinção.

método utilizado será o bibliográfico, de natureza exploratória, com abordagem qualitativa, buscando extrair dos textos elementos que corroborem na construção de um complexo poliedro. A reflexão terá a seguinte estrutura: o paradigma técnico-científico, um complexo paradoxo; a crise ecológica vigente, um mal que afeta a todos – sintomas e causas; cristianismo e islamismo, um diálogo em busca de esperança diante da grave crise ecológica vigente; e algumas diretrizes de ação.

## **1 O PARADIGMA TÉCNICO-CIENTÍFICO: UM PARADOXO COMPLEXO**

Com o advento da Revolução Industrial no final do século XVIII na Inglaterra, inaugurou-se um novo paradigma de relação entre o homem e a natureza com a inserção da ciência e da técnica na indústria, modificando essencialmente os meios de produção. Inaugurou-se uma nova era, passando da produção manufaturada para a produção em série. Surgiria uma esperança sem precedentes no mundo com as rápidas e incontáveis conquistas adquiridas. Nunca houve um desenvolvimento tão promissor para a humanidade.

Nesse sentido, recorda o papa Francisco:

A humanidade entrou numa nova era em que o poder da tecnologia nos põe diante de uma nova encruzilhada. Somos herdeiros de dois séculos de ondas enormes de mudanças: a máquina a vapor, a ferrovia, o telégrafo, a eletricidade, o automóvel, o avião, as indústrias químicas, a medicina moderna, a informática e, mais recentemente, a revolução digital, a robótica, as biotecnologias e as nanotecnologias. É justo que nos alegremos como estes progressos e nos entusiasmemos à vista de amplas possibilidades que nos abrem estas novidades incessantes, porque “a ciência e a tecnologia são um produto estupendo da criatividade humana que Deus nos deu”. A transformação da natureza para fins úteis é uma das características do gênero humano, desde os seus primórdios: e assim a técnica “exprime a tensão do ânimo humano para uma gradual superação de certos condicionamentos materiais” (LS 102).

Contudo, teria o desenvolvimento técnico-científico moderno influenciado a crise ecológica atual? Seguramente. Com o passar do tempo, apareceria um complexo paradoxo que não demoraria em acelerar o agravamento da atual crise, com raiz antropológica. Por exemplo, estabeleceu-se um novo paradigma de relação entre Deus, mundo e homem a partir da modernidade. O modelo teocêntrico perde o seu espaço. O mundo que antes era uma realidade boa e nas narrativas religiosas, como também, visto em sua globalidade, beleza e atraia o homem à contemplação (MARIN, 2000, p. 13-14), torna-se um objeto, uma coisa a ser manipulada pelo homem, tendo em vista ser transformado em mercadoria, visando satisfazer um consumo desenfreado, tendo o lucro pelo lucro, sem o devido respeito ao ritmo de reposição da natureza.

Nasr, um grande intelectual islâmico, em sua obra *O homem e a natureza*, assim assevera sobre essa questão:

Temos ainda esperança de que, enquanto aumenta a crise criada pelo esquecimento por parte do homem de quem ele realmente é, e na medida em que caem, um por um, os ídolos de sua própria confecção, ele começa uma verdadeira reforma de si mesmo, que sempre significa um renascimento espiritual, e através deste renascimento alcance uma nova harmonia com o universo da natureza que se estende a sua volta. De outra forma, é inútil esperar uma harmonia com esta grande teofania, que é a natureza virgem, enquanto permaneceremos em esquecimento e indiferentes à Origem dessa teofania, tanto além da natureza quanto no âmago da existência do homem (NASR, 1977, p. 12).

Diante do que foi dito acerca do paradigma técnico-científico, há de se convir que os avanços da ciência e da técnica trouxeram para a humanidade uma nova esperança e o aumento da qualidade de vida. Tais progressos entusiasmaram o ser humano. Em nenhum outro tempo ele se viu exercendo o seu senhorio sobre as demais criaturas terrestres. Em cada descoberta estampava-se a promessa de construção de um mundo melhor. O grande esforço antes empregado para a produção de uma pequena quantidade a ser consumida dava, paulatinamente, lugar a um instrumental tecnológico capaz de produzir mais, em menos tempo, com menos sacrifício e mais lucro, haja vista, por exemplo, os “milagres” da medicina. Além disso, como não se recordar que com as ciências arquitetônicas, o ser humano foi capaz de estampar em construções modernas a beleza estética, que de qualquer modo nos reporta à Beleza Eterna, Deus? Não se pode negar que o mundo ficou mais belo (LS 102). Esta e outras conquistas significam que os avanços obtidos pelo homem no campo da técnica e da ciência constituíram um bem para toda a humanidade. Quanto aos benefícios alcançados pela inteligência humana nos campos da ciência e da técnica, o Concílio Vaticano II também se manifestou (GS 4).

Mas a ambiguidade de tal desenvolvimento não demoraria a se manifestar, não somente no campo teórico, mas nos fatos cotidianos da história. E tal paradoxo não se encontra meramente nas descobertas feitas, mas na posse de suas patentes, concentrando conhecimento e poder econômico nas mãos dos que as detêm, como também no uso inadequado delas (LS 104). Ademais, a vasta expansão tecnológica não foi acompanhada por um desenvolvimento do ser humano quanto à responsabilidade, aos valores e à consciência. Em outros termos, o desenvolvimento técnico-científico careceu de uma solidez ética, de uma espiritualidade cultural que tivesse colocado a pessoa humana dentro de um limite capaz de fundamentar uma liberdade sadia e não adoecida, portadora de um lúcido domínio de si (LS 102). Em relação a tal questão, asseveraram estudiosos islâmicos:

As mudanças climáticas não são mais apenas uma questão científica; estão se tornando uma questão moral e ética. Elas afetam vidas, os meios de subsistência e os direitos de todo mundo, especialmente os mais pobres, marginalizados e vulneráveis (WWF BRASIL, 2015).

Além disso, nota-se com tristeza, que, na maioria das vezes, o ambiente acadêmico moderno se limitou a lógica desprovida da transcendência, fechando-se num horizonte imanentista:

Nas universidades, os departamentos de filosofia e, em grande parte, o ensino de “humanidades” continuam imersos no universo fechado da lógica desprovida de transcendência, enquanto o “inconformismo” ou “contracultura” está buscando transcendência, mas é impermeável à lógica que emana do intelecto interior e também à revelação, que é igualmente uma manifestação do Intelecto Universal ou Logos (NASR, 1977, p. 11).

O reconhecimento de que o ser humano não é plenamente autônomo o coloca como ser necessitado do outro e do Outro por excelência, isto é, Deus. A abertura para além de si mesmo deve fazer com que a pessoa descubra que as suas conquistas somente terão um justo valor se elas estiverem à disposição de todos, no respeito à alteridade e ao cuidado com a casa comum.

## 2 A CRISE ECOLÓGICA VIGENTE: UM MAL QUE AFETA A TODOS – SINTOMAS E CAUSAS

O que está acontecendo com a casa comum? Tal interrogação interessa e afeta a todos: cristãos, mulçumanos, judeus, budistas, hinduístas, ateus, pessoas de boa vontade, dentre outros. Enfim, a crise ecológica vigente afeta a todos os homens e mulheres sobre a Terra, independentemente de religião, cultura, status social ou qualquer outra especificação que se quisesse fazer. É um drama que abarca e transcende à criação inteira. Ciente da grave situação que acomete a todos, o papa Francisco faz um apelo: “o urgente desafio de proteger a nossa casa comum incluía preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar” (LS 13). No mesmo ano, a WWF Brasil reuniu estudiosos islâmicos e emitiu uma declaração sobre as mudanças climáticas, fazendo apelo semelhante, e conclamando a todos a se unirem entre si e com a natureza, assumindo a sua defesa, como um compromisso ético e moral (WWF BRASIL, 2015).

Mesmo que tratando sobre a temática ecologia e ecumenismo<sup>4</sup> no Brasil, Wolff aponta para a necessidade do compromisso das religiões e até dos não crentes em promover o bem da casa comum:

Tal fato interpela a consciência de pessoas e comunidades religiosas, como também de não crentes, exigindo reflexão sobre as suas causas e consequências. E conclama ao engajamento coletivo em iniciativas que busquem superar a gravidade das problemáticas ecológicas. Em particular, às igrejas e religiões urge a cooperação ecumênica das forças de fé na defesa da vida na/da *oikoumene*, a casa comum. Isso mostra o vínculo intrínseco entre ecumenismo e ecologia. Tal é o que propomos refletir aqui, tendo por cenário o Brasil, explicitando a consciência ambiental de comunidades religiosas e organizações do movimento ecumênico local (WOLFF, 2022, p. 54).

---

<sup>4</sup> Dada a urgência de se empreender esforços visando o bem da casa comum e o alívio do sofrimento de tantos irmãos e irmãs mais vulneráveis mundo afora, tanto o esforço ecumênico como o inter-religioso e com os não crentes se faz necessário neste momento da história da humanidade.

Neste momento da reflexão serão apresentados, em linhas gerais, os *principais efeitos* da grave crise ecológica, que coloca em risco não somente a natureza criada, mas o próprio ser humano, pois existe uma desproporção entre o acelerado ritmo de vida e de trabalho da humanidade (o que Francisco denomina na língua espanhola de “*rapidación*”) com a lentidão natural da evolução biológica (LS 18).

*Aumento da poluição.* Constata-se um trágico aumento da poluição, acumulando sempre em maior quantidade a presença de resíduos em muitas partes do planeta, provocando sérios fenômenos climáticos, que em na maioria das vezes fazem os mais pobres padecerem, escancarando a disseminação de uma triste cultura do descarte (LS 20-26).

*Esgotamento dos recursos naturais.* Além disso, o esgotamento dos recursos naturais, especialmente a diminuição da presença de água potável mundo afora, afeta a vida dos mais vulneráveis (LS 27-31).

*Perda da biodiversidade.* Ajunta-se a isso a imensa quantidade de seres vivos que são extintos da natureza, agravando a perda da biodiversidade. Por vezes, tais seres, como pássaros e insetos, desaparecem, vítimas da intervenção humana que, mediante a tecnologia, não se preocupa com o uso discriminado de agrotóxicos, tendo em vista um melhor “produção”, maior consumo humano, mais lucro, alimentando um ciclo econômico sem limites (LS 32-42).

*Deterioração do meio ambiente.* Se constata ainda que a deterioração do meio ambiente não é somente uma questão ecológica, mas é um agravante que afeta diretamente a qualidade da vida humana, provocando uma verdadeira degradação social. Tal fenômeno, regido pelo atual modelo de desenvolvimento, gera uma cultura do descarte das pessoas, especialmente as mais vulneráveis. O acesso aos bens de consumo e ao progresso alcançado não é para todos. Vê-se com tristeza que os benefícios são para poucos, fazendo aparecer uma camada de excluídos em meio a uma fragmentação social. Soma-se a isso, as dinâmicas das mídias de massa e do mundo digital. Na virtualidade das relações, por vezes, se perde a beleza da pessoalidade, da presença real do outro, da capacidade de se viver com sabedoria, pensar com profundidade e amar com generosidade (LS 43-47).

*Desigualdade planetária.* Pelo fato de que o ambiente humano e o ambiente natural caminham em conjunto, conseqüentemente, a crise ecológica vigente provoca uma desigualdade planetária, alcançando não somente um indivíduo ou grupo, mas a todos. Em outras palavras, é na comunidade internacional que os países mais pobres sofrem. Tal cenário faz aparecer uma verdadeira “dívida ecológica” entre as nações mais desenvolvidas com aquelas subdesenvolvidas. E se não bastasse, vê-se com tristeza, que existe uma fraqueza ou pouco interesse em encontrar soluções que deem esperança aos mais vulneráveis. Por fim, o tempo que dispomos para solucionarmos os dramas mencionados se encontra bastante abreviado e as diversidades de opiniões nem sempre convergem na mesma direção visando o bem do planeta (LS 48-51).



É necessário passar agora dos sintomas às causas da crise ecológica vigente. Segundo o papa Francisco, de nada adiantaria descrever os sintomas da grave crise ecológica se não reconhecêssemos a sua raiz humana, fundada num modo desordenado de sua ação sobre a natureza (LS 101). Também no islamismo se encontra o preceito da responsabilidade humana no cuidado com os seus semelhantes e com a natureza, não concedendo a aqueles o direito de uma liberdade ilimitada. Assim assevera Maçaneiro:

Segundo o islam, o mundo foi criado ordenadamente e destinado a ser “casa da paz” (*dar es-salam*). Em vista disso, Allah criou o ser humano com capacidade cognitiva, moral e espiritual, para que fosse o seu “preferido” (Sura 17,70) e “legatário” na Terra (cf. Sura 2,30). Isto, contudo, não dá ao ser humano um poder irrestrito sobre seus semelhantes, nem sobre as demais criaturas. O curso do homem sobre a Terra não pode ser uma tirania, mas uma tarefa construtiva, da qual prestará contas no dia do juízo (cf. Sura 30,30) (MAÇANEIRO, 2009, p. 324).

Existe uma concordância entre as duas religiões de que a desordem da atividade humana é a causa primordial da atual crise ecológica. No exercício do seu livre-arbítrio, se feito bem, o homem tem o seu mérito; se mal, ele deve ser responsabilizado pelos danos causados.

A partir de tais premissas, passa-se neste momento a apresentar as *principais causas* dos dramas ecológicos atuais.

Após apresentar as ambiguidades do paradigma tecnocrático, como foi feito na primeira seção desta investigação, o papa Francisco reconhece que o problema fundamental que continua provocando deformação na natureza é “o modo como a humanidade assumiu a tecnologia e o seu desenvolvimento, *juntamente com um paradigma homogêneo e unidimensional*” (LS 106, grifo do autor).

*Mudança de relação entre sujeito e objeto.* Um primeiro elemento a se considerar a partir da globalização do paradigma tecnocrático foi a mudança da relação sujeito e objeto. Desde o princípio o homem foi criado por Deus capaz de se relacionar livre e responsavelmente com a natureza, sem distorcer o mandato de dominar a terra (Gn 1,28), mas a cultivar e a guardar (Gn 2,15) (LS 66). Paulatinamente, ocorreu nos últimos dois séculos como que um eclipse de Deus no horizonte da existência humana, obscurecendo não somente a relação do humano com o divino, mas uma verdadeira subjugação do natural ao humano. Assim afirma o papa Francisco: “neste paradigma, sobressai uma concepção do sujeito que progressivamente, no processo lógico-racional, compreende e assim se apropria do objeto que se encontra fora dele” (LS 106). É nítido o desejo de consumo desenfreado do ser humano, que o levou a explorar maleficamente os bens que a natureza oferecia com gratuidade. A propósito, recordava São João Paulo II:

Na raiz da destruição insensata do ambiente natural, há um erro antropológico, infelizmente muito espalhado em nosso tempo. O homem, que descobre a sua capacidade de transformar e, de certo modo, criar o mundo

com o próprio trabalho, esquece que este se desenrola sempre sobre a base da doação originária das coisas da parte de Deus. Pensa que pode dispor arbitrariamente da terra, submetendo-a sem reservas à sua vontade, como se ela não possuísse uma forma própria e um destino anterior que Deus lhe deu, e que o homem pode, sim, desenvolver, mas não trair (CA 37).

O homem, dotado de uma natureza racional, tornando-o capaz de conhecer e escolher entre as diversas possibilidades que se lhe apresentam no seu cotidiano, parece ter preferido seguir os instintos infindáveis de seu desejo de ter sempre mais, fazendo surgir a necessidade de produzir na mesma estimativa. Sendo assim, ele parece ter deixado cair no esquecimento a existência de uma lei que regula a natureza. Desobedecer tal normativa natural é trair os desígnios originários de Deus e, simultaneamente, trair a própria natureza e a si mesmo. Corrobora com tal premissa, Almeida:

Do ponto de vista moral sabe-se que os interesses humanos imediatos prevalecem para o uso dos bens presentes no ambiente. O forte antropocentrismo que tem servido de alicerce para a construção de nossa moral agora está se mostrando como causador de problemas qualitativamente novos, nos quais ventila a própria sobrevivência da espécie humana no tempo e no espaço planetários, e, vinculado a isso, o problema da nossa própria sobrevivência ética (ALMEIDA, 2021, p. 86).

*Apropriação do método científico como técnica de posse, domínio e transformação, tendo o homem como a régua de medida.* Um segundo elemento apontado pelo papa Francisco quanto à globalização do paradigma tecnocrático é a apropriação do método científico como técnica de posse, domínio e transformação, tendo o homem como a régua de medida. Diferente do que foi dito acima, isto é, da convivência harmônica entre o ser humano e a natureza, com o advento do paradigma tecnocrático, se percebe a presença do ser humano que se tornou a régua de medida para a extração daquilo por ele desejado como necessário para a satisfação do seu desejo de sempre mais ter. Se antes ele recebia com singeleza com a mão aquilo que a natureza o oferecia, hoje ele arranca a seu bel prazer, com a imposição das suas mãos, o que lhe interessa extrair, buscando um crescimento ilimitado, ignorando ou esquecendo aquilo que a realidade lhe tem a oferecer (LS 106).

*Posse das patentes adquiridas pelos cientistas.* Soma-se a tal cenário uma outra face maléfica do paradigma tecnocrático que é a posse das patentes adquiridas pelos cientistas. Esta riqueza intelectual, fruto de grandes investimentos, se torna cada dia mais uma riqueza inestimável nas mãos de poucas pessoas, grupos, instituições ou nações desenvolvidas. Os mais vulneráveis nem sempre têm acesso às conquistas realizadas pela ciência e pela técnica, ficando forçados, muitas vezes, a um estilo de vida marcado pelo sofrimento e desprezo. Em outras palavras, o paradigma tecnocrático “procura controlar os elementos da natureza e, conjuntamente, os da existência humana” (LS 108).

*Exercício do paradigma tecnocrático sobre a economia e a política.* Um outro elemento da globalização do paradigma tecnocrático diz respeito ao seu exercício sobre a economia e a



política. O desenvolvimento tecnológico visa de modo impositivo o lucro, prescindindo do bem da pessoa e do meio ambiente (LS 109). Assim, é notória a existência de uma cisão entre o ser e o ter. A busca do lucro desvinculado do bem integral da pessoa foi instaurando progressivamente uma realidade desordenada. Sendo a pessoa, ontologicamente, o bem maior criado por Deus sobre a Terra, ela se tornou no horizonte econômico que, por sua vez, se encontra intimamente ligado ao político, um meio de produção. Constata-se assim uma inversão da ordem estabelecida desde o princípio. Como meio, uma grande massa de vulneráveis sofre demasiadamente na atualidade, enriquecendo sempre mais uma pequena quantidade de pessoas detentoras do capital e dos bens de consumo (LS 69).

Segundo o papa Bento XVI, a *lógica mercantil* e a comunidade política não devem caminhar separadas. Não basta somente produzir riquezas, mas é urgente distribuí-las de modo justo, tendo por finalidade construir o bem comum:

A atividade econômica não pode resolver todos os problemas sociais através da simples extensão da *lógica mercantil*. Esta há de ter com *finalidade e prossecução do bem comum*, do qual se deve ocupar também e sobretudo a comunidade política. Por isso, tenha-se presente que é causa de graves desequilíbrios separar o agir econômico – ao qual competiria apenas produzir riqueza – do agir político, cuja função seria buscar a justiça através da redistribuição. (CV 36, grifos do autor).

*Modo de vida atual.* Segundo Nasr, quando atualmente o homem se depara com alguma dificuldade em sua existência, ele tende a modificar as leis promulgadas sobre o meio ambiente, sem a realização de nenhuma autocrítica sobre o seu modo de vida. O autor salienta que é justamente no modo de viver humano, hodiernamente, que se encontram as principais raízes que ele está enfrentando (1977, p. 10).

*Papel da ciência na história do Ocidente, especialmente no século XX.* Ainda segundo Nasr, com o advento das ciências modernas, houve um abandono do modelo das ciências primitivas e medievais, aliando-se ao fracasso do esquecimento das cosmologias que remontam aos períodos apenas mencionados. No horizonte acadêmico atual, a disciplina que se dedica ao estudo da ciência se limita a glorificá-la ou em buscar as suas raízes históricas. Tal atitude epistemológica não basta. É necessário um estudo aprofundado das concepções da natureza em diferentes civilizações ou períodos históricos. Ademais, penetrar na significação científica primitivas e medievais é outra necessidade (NASR, 1977, p. 50).

Na presente seção, procurou-se apresentar, mesmo que de modo breve e panorâmico, os principais sintomas e causas da grave crise ecológica vigente que assola todo o planeta, tanto a natureza, como aos homens e as mulheres. É diante disso que se passará agora a buscar elementos no cristianismo e no islamismo que deem esperança para, gradativamente, atenuar os dramas experimentados e, oxalá, um dia extingui-los.

### 3 CRISTIANISMO E ISLAMISMO: UM DIÁLOGO EM BUSCA DE ESPERANÇA DIANTE DA GRAVE CRISE ECOLÓGICA VIGENTE

Teria alguma relação entre religião e ecologia? O renomado pensador islâmico Nasr, apesar de criticar autores como Barth, Brunner e Bultmann, por terem erguido, segundo ele, uma muralha de ferro, acreditando que a natureza nada pode ensinar ao homem, reconhece que outros pensadores cristãos tenderam em direção oposta, com a qual ele mesmo compartilha:

Não obstante, há uns poucos que perceberam a importância da natureza como base para a vida religiosa e de uma ciência religiosa da natureza como elemento na vida integral de um cristão. Compreenderam a necessidade de acreditar que a criação exibe a marca do criador a fim de poderem ter uma fé sólida na própria religião (1977, p. 39).

Nasr ainda afirma: “se a criação não fosse de certa forma revelada, não haveria revelação possível” (1977, p. 43). Estando correta a premissa de que existe necessariamente relação entre religião e ecologia, deve-se interrogar agora: seria possível o diálogo inter-religioso envolvendo o cristianismo e o islamismo acerca da crise ecológica?

Quanto às condições de possibilidade da existência do diálogo inter-religioso, Drubi afirma:

a base do diálogo inter-religioso para nós é a nossa fé na vontade universal salvífica de Deus, que está de alguma forma levando todos os povos à unidade, e os nossos esforços para compreender as implicações dessa afirmação de fé até a nossa compreensão da história e do nosso próprio papel nela (2007, p. 214).

Como se vê, a vontade divina de salvação universal é, analogamente, como uma força atrativa que tem por finalidade colaborar na construção da unidade entre todos os povos. No Brasil, houve uma colaboração positiva por ocasião do aniversário dos 40 anos da publicação da declaração *Nostra aetate*, em 1965, no Concílio Vaticano II.

Essa experiência tem-nos ajudado a deslocar a ênfase do diálogo inter-religioso da discussão teológica para a corresponsabilidade ética e o mútuo enriquecimento espiritual; a não só olharmos uns para os outros, mas a nos preocuparmos, juntos, com os urgentes problemas que ainda fazem sofrer tantas pessoas e povos. A religião não é a meta final: é mediação (DRUBI, 2007, p. 221).

Os frutos desta experiência são notórios. Não basta somente um diálogo no campo teórico, mesmo que esse viés seja importante. Ele não é exclusivo. O horizonte se alarga quando da passagem da discussão teológica para o compromisso de corresponsabilidade ao redor de temas comuns que ainda afligem a muitos, especialmente os mais pobres e vulneráveis. Assim, o esforço comum entre cristãos e muçulmanos em guardar e cultivar a natureza, que é

tema da presente investigação, procurando atenuar as feridas abertas pela grave crise ecológica, ganha relevo. A religião como mediadora do diálogo inter-religioso é um elemento fundamental.

Segundo Maçaneiro, a mesma abertura encontra-se também presente nos muçulmanos, exceto aqueles que preferem realizar uma leitura violenta e fundamentalista do Alcorão, como ele escreve:

À parte as lamentáveis expressões de radicalismo de alguns movimentos muçulmanos, que insistem na leitura violenta dos versículos corânicos, estamos diante de um livro merecedor de estudo e atenção. Seja pelo dado estatístico dos milhares de leitores que o apreciam e seguem; seja pelo dado fenomênico, enquanto narrativa sagrada e hierofânica, cuja textura se vincula ao monoteísmo abraâmico com conexões diretas com o judaísmo e o cristianismo. Mais que um volume impresso, o Alcorão é um universo a ser explorado – como ocorre igualmente com outros textos sagrados, dos Vedas à Bíblia (MAÇANEIRO, 2009, p. 321).

É com espírito de abertura e corresponsabilidade, que se apresenta agora, alguns princípios extraídos de fontes cristãs e islâmicas, que possam trazer raios de esperança na busca de, gradativamente, amenizar os gritos de dores que ecoam por toda a parte, provocados pela crise ecológica sem precedentes, para, por fim, indicar algumas pistas de ação.

### 3.1 Primeiro princípio: a criação é fruto da vontade livre e amorosa de Deus<sup>5</sup>

Tanto a Sagrada Escritura como o Alcorão afirmam que, desde o princípio, Deus, por livre e amorosa vontade, quis criar todas as coisas (Gn 1,1-2,4). “Ela disse: ‘Senhor meu! Como hei de ter um filho, enquanto nenhum homem me tocou?’ Ele disse: Assim é. Allah cria o que quer. Quando decreta algo, apenas, diz-lhe: ‘sê’, então, é” (Sura 3,47). Sendo assim, o ato divino de criar não se funda em nenhuma necessidade sua, mas em sua livre decisão. Ainda: a criação aparece como um dom e não uma propriedade humana.

### 3.2 Segundo princípio: a criação realizada por Deus no princípio é dotada de um bem indelével

Deus não somente criou todas as coisas, mas as criou boas (Gn 1,10.12.18.21.27) e quando da criação do homem à sua imagem e semelhança, considerou este dia “muito bom” (Gn. 1,27.31). Tal é o legado da tradição judaico-cristã. Ora, também o Islã professa a sua fé em Deus (Allah) que cria e que espera a prática da piedade dos seres humanos. Assim se encontra: “Ó humanos! Adorai o vosso Senhor. Que vos criou e aos que foram antes de vós, na esperança de serdes piedosos” (Sura 1,21). Ora, tanto no livro do Gênesis quanto no Alcorão, aparecem claramente o desejo divino de que a bondade transpareça na vida das criaturas. Ninguém pode ser bom ou piedoso se ontologicamente não carregasse uma *lumen* de bondade ou piedade em

---

<sup>5</sup> Nestes princípios, o termo Deus se referirá sempre a Javé e a Allah.

si. Mesmo que em graus diversos, a bondade se encontra presente desde o princípio em todas as criaturas.

### **3.3 Terceiro princípio: o estatuto ontológico e a responsabilidade humana na criação**

O céu e a Terra foram criados por Deus (Gn 1,1). Este relato bíblico implica que a totalidade daquilo que existe depende necessariamente do ato divino de criar. Além disso, constata-se a presença de uma diversidade de criaturas e, simultaneamente, uma unidade essencial entre elas, originando o que o papa Francisco denomina de “ecologia integral” (LS 138). Ora, na diversidade dos seres criados, o homem se encontra. Ele possui tanto um estatuto ontológico próprio, assim expresso: “Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou” (Gn 1,27). Com o seu *modus essendi*, o homem também ocupa um lugar e uma responsabilidade específicos na criação, como segue: “Jahweh Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar” (Gn 2,15). Segundo Francisco, “cultivar” significa lavrar ou trabalhar um terreno, enquanto, “guardar” significa proteger, cuidar, preservar, velar. Sendo assim, a relação entre o homem e o jardim do mundo implica uma reciprocidade responsável (LS 67). Uma das causas da atual crise ecológica foi justamente o domínio irresponsável do homem sobre a natureza, tendo em vista a sua exploração desmedida, a produção, o consumo exacerbado e o lucro.

Também o islamismo reconhece um estatuto ontológico do homem, que tem a sua origem em Allah. “E Allah vos faz sair do ventre de vossas mães, enquanto nada sabeis. E vos faz os ouvidos e as vistas e os corações, para serdes agradecidos” (Sura 16,78). No mais, entre as criaturas o ser humano ocupa a posição de “califa” (Sura 2,30).

Quanto à questão antropológica, temos uma diferença substancial referente à teologia da criação cristã e islâmica, como atesta Maçaneiro.

O Alcorão descreve o ser humano como vice-regente de Deus na Terra (califa), mas não aceita a qualificação de “imagem e semelhança” de Deus, para manter intocado o seu radical monoteísmo: nenhuma criatura se associa, se compara ou se assemelha ontologicamente a Allah. Outras interpretações, ainda assim de cunho mais místico do que ontológico, foram desenvolvidas pelas escolas sufistas, não sem alguns conflitos com os teólogos e juizes islâmicos (MAÇANEIRO, 2009, p. 324).

Além de vice-regente (califa) de Allah, o ser humano é o “preferido” dele, dentre as demais criaturas na Terra (Sura 17,70). Mas tal condição humana, não lhe permite tratar seus semelhantes segundo o seu bel-prazer, nem de dominar desordenadamente a natureza. Em outras palavras, a responsabilidade humana é imprescindível em cada ato de sua autoria, sendo que no dia do juízo, ele deverá prestar contas daquilo que fez (Sura 30,30). Tal prerrogativa é o papel do ser humano na história segundo o islã. Isso é similar à doutrina cristã.

Enfim, esses três princípios extraídos do cristianismo e do islamismo mostram que existem mais elementos convergentes entre os dois credos religiosos do que dissonantes, quanto à temática em questão. O que nos une é muito mais forte do aquilo que nos separa. Tais princípios possuem um papel paradigmático, especialmente devido à natureza desta pesquisa. Tantos outros poderiam ser formulados e demonstrados.

Em seguida, serão apresentadas algumas diretrizes de ação, visando corroborar com o apelo a todos os cristãos, muçulmanos, demais religiosos e não religiosos, como a todos os homens de boa vontade, a nos unirmos na missão de encontrar esperança para a nossa casa comum, lugar que deve ser de harmonia e paz.

### 4 ALGUMAS DIRETRIZES DE AÇÃO

Após esse pequeno ensaio sobre o diálogo inter-religioso entre cristianismo e islamismo, visando de modo especial buscar esperança para a grave crise ecológica vigente, que possui raiz antropológica, afeta a todas as criaturas e promove o gemido da bela e bondosa criação divina; considerando que tal ensaio é meramente uma iniciativa paradigmática para demonstrar que a responsabilidade de cuidar, cultivar e amar a natureza é tarefa de todos, religiosos ou não, passa-se a apresentar algumas diretrizes de ação, diante da enorme crise mencionada. Cada um deve se sentir convocado a não desistir hoje da missão a se cumprir. Somente assim, amanhã poderemos vencer o mal que nos aflige.

(1) Sendo a criação realizada por livre e amorosa bondade de Deus, e não por alguma necessidade sua, ela será sempre “dom” divino. Consequentemente, é urgente que a guardemos, a amemos e a cultivemos, como nos foi concedida, isto é, como uma dádiva e não como uma propriedade humana, que possa ser explorada desordenadamente. Tendo em vista conscientizar as pessoas sobre a relação sustentável entre homem e natureza, cristãos e muçulmanos promovam seminários, palestras, dentre outros, incentivando tais iniciativa.

(2) Considerando que a ordenação do cosmos possui intrinsecamente uma bondade natural, é dever de todos a proteger e a respeitar, reconhecendo que tudo está interligado e que cada ser possui o seu papel formando um imenso poliedro. Conscientes da bondade inerente à Terra, muçulmanos e cristão podem usufruir de terrenos baldios (privados ou públicos) constituindo, por exemplo, hortas comunitárias, fornecendo alimentos aos mais pobres e ensinando-os a importância de se inserirem em tal processo de sustentação.

(3) Considerando que o homem fora dotado por Deus de inteligência e vontade, é necessário reconhecer a sua responsabilidade no curso da história, a sua autonomia limitada (especialmente pelo seu estatuto ontológico) fazendo-o dependente de um Ser superior a ele. Assim, é fundamental que todos reconheçam a veracidade da seguinte premissa: “existe uma raiz antropológica na crise ecológica hodierna” (LS 101). Mas isso somente não basta. É urgente a promoção de uma autêntica “conversão ecológica”.

(4) Enfim, num tempo quando ainda se deseja justificar a “sacralidade de guerras, mortes e violência” (MAÇANEIRO, 2009, p. 321) em nome da fé, semelhante ao que já ocorreu há séculos, propomos em nome da mesma fé, em conformidade com a razão, um compromisso sagrado de amar, guardar e cultivar a natureza e a pessoa humana, especialmente as mais vulneráveis, de modo a amenizar e, oxalá, um dia, sanar os seus gritos de dores decorrentes da crise ecológica que afeta a todos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Recorda-se que o objetivo desta reflexão era verificar quais seriam as contribuições do diálogo entre cristianismo e islamismo, tendo em vista dar esperança a todos os que sofrem com a casa comum. Primeiramente, por tudo que foi dito, crê-se que exista umnexo fundamental entre religião e ecologia. Além disso, mesmo que tenha sido um breve ensaio, ficou evidente que há uma conexão entre vários elementos da fé cristã e islâmica, possibilitando um diálogo convergente e transformador em torno da atual realidade desfigurada pela grave crise ecológica.

É de se ressaltar que tal diálogo inter-religioso não exclui a ninguém. Isso porque todos os homens são dotados de inteligência e vontade, possuindo uma liberdade responsável no decurso da história. A raiz antropológica da atual crise se apoia neste ditame. O cristianismo e o islamismo convocam a todos a se empenharem na busca de esperança transformar a realidade danificada que nos envolve. O apelo para uma “autêntica conversão ecológica” não é um mero mandamento religioso, mas uma necessidade que se impõe a toda a humanidade em cumpri-lo. Cabe a resposta de cada um ainda hoje.

Enfim, é urgente redescobrir que a natureza criada por Deus é um dom que foi dado ao homem. Ela não é propriedade sua. Nela se deve encontrar a beleza e a bondade divinas impressas em cada criatura. Dela se deve extrair o necessário para se viver dignamente. A sua exploração desordenada não pode continuar. Importante empresa, o cristianismo, o islamismo e todas as demais religiões podem colaborar. E não basta. Todos são convocados para servirem. ✞

## **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, André Luiz Boccato. **Moral social**. Petrópolis: Vozes, 2021.

BENTO XVI. **Carta encíclica Caritas in veritate**: sobre o desenvolvimento integral na caridade e na verdade. Brasília: CNBB, 2009.

BÍBLIA de Jerusalém. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Declaração Nostra aetate**: sobre a relação da Igreja com as religiões não cristãs. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Gaudium et spes**: constituição pastoral do Concílio Vaticano II sobre a Igreja no mundo de hoje. 17. ed. São Paulo: Paulinas, 2013.



DRUBI, Rodrigo. O diálogo inter-religioso. In: SOUZA, Ney de (Org.). **Temas de Teologia latino-americana**. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 211-230.

FRANCISCO. **Carta encíclica Laudato si'**: sobre o cuidado da casa comum. Brasília: CNBB, 2015.

JOÃO PAULO II. **Carta encíclica Centesimus annus**: no centenário da *Rerum novarum*. São Paulo: Paulinas, 1991.

MAÇANEIRO, Marcial. Ecologia no islam – leitura corânica e perspectivas atuais. **Revista Lusófona de Ciência das Religiões**, Lisboa, ano 8, n. 15, p. 321-330, 2009. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cienciareligioes/issue/view/607>. Acesso em: 17 jul. 2023.

MARIN, Maurizio. **Il fascino del <<divino>>**. Dal motore immobile in Aristotele e dintorni. Roma: Ateneo Salesiano, 2000.

NASR, Seyyed Hossein. **O homem e a natureza**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

WOLFF, Elias. O compromisso ecológico do movimento ecumênico no Brasil. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, ano 30, n. 102, p. 52-70, maio/ago. 2022. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/58552/40640>. Acesso em: 18 jul. 2023.

WWF BRASIL. Declaração islâmica traz mais argumentos para ação contra as mudanças climáticas. **WWF Brasil**, 19 ago. 2015. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/?47142/Declaracao-Islamica-traz-mais-argumentos-para-acao-contra-as-Mudancas-Climaticas>. Acesso em: 20 jul. 2023.

Recebido em: 29/07/2023.

Aceito em: 02/11/2023.